



Ilustração de Carlos Dalu Stella

Cristovão Tezza

Um dos autores brasileiros mais premiados do momento, ele é um legítimo herdeiro da contracultura. Autor de 12 romances, já foi ator, viveu em uma comunidade alternativa, foi aprendiz de marinho e relojoeiro

Mônica Pupo • Florianópolis

Considerado um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea, Cristovão Tezza se tornou escritor movido por um “firme propósito” que surgiu na adolescência. Hoje, aos 56 anos, o catarinense radicado em Curitiba passa pelo melhor momento da carreira. Embora alguns de seus livros anteriores já tivessem sido premiados, foi com o romance autobiográfico “O Filho Eterno” (Record) que Cristovão Tezza conquistou os mais importantes prêmios literários de 2008, incluindo o Jabuti, o APCA, o Bravo!, o Portugal Telecom e o Prêmio São Paulo de Literatura. Tanta notoriedade – ainda que bem-vinda – causou uma reviravolta na vida do autor, até então acostumado à rotina de professor universitário. Vivendo há um ano e meio entre palestras, viagens e entrevistas, o escritor faz planos de se dedicar somente à literatura e confessa: “Preciso de um pouco de paz”.

A paz, nesse caso, é sinônimo do ócio necessário à produção literária – um “trabalho duro”, nas palavras de Tezza, que gosta de escrever de três a quatro horas por dia, todos os dias, de preferência durante a manhã. E é justamente para retomar esse hábito – e concluir o próximo romance, “uma história de amor” – que o escritor pretende deixar em breve a Universidade Federal do Paraná, onde atua como professor de Língua Portuguesa há mais de duas décadas. “Gosto de dar aulas, mas ando cansado.” Com o sucesso de “O Filho Eterno”, que será editado em Portugal,



Joel Rocha

Itália, França, Espanha, Austrália e Nova Zelândia, o sonho de viver da literatura está cada vez mais próximo. Há ainda a expectativa de que o livro seja adaptado para o teatro e cinema, “mas por enquanto são apenas projetos vagos”.

Foram necessários mais de 20 anos até que Tezza decidiu escrever sobre a relação com o filho Felipe, portador da Síndrome de Down. Além do medo de expor a si mesmo e à família, o escritor buscava uma “porta de entrada” para tratar do assunto mantendo “certa distância”. Para transformar em ficção uma história tão íntima, recorreu ao romance e à narração em terceira pessoa, recurso este que, nas palavras do jornalista Geneton de Moraes Neto, “é o único detalhe que impede ‘O Filho Eterno’ de se enquadrar na categoria de autobiografia”.

Sem resvalar em qualquer tipo de sentimentalismo ou autoajuda, Tezza soube desdobrar o tema, propondo uma reflexão sobre a paternidade, o ofício de escritor e a situação política do Brasil na década de 1980. Uma das características mais marcantes de “O Filho Eterno” é a sinceridade do protagonista, que por vezes chega a ser cruel, como nos trechos em que o pai – atordoado pela descoberta de que o filho “não é nada” – assume o desejo de que a criança morra. “Para o escritor, o importante é o que o personagem pensa – não o que ele mesmo pensa”, reflete, reforçando a diferença entre protagonista e autor.

Se hoje Tezza pode se orgulhar de ter conquistado um lugar definitivo no mapa literário nacional, nem sempre foi assim. Apesar de escrever desde os 13 anos, seu primeiro livro só foi publicado aos 28, quando lançou “Gran Circo das Américas”, pela Editora Brasiliense, em 1979. Assim como o protagonista de “O Filho Eterno”, por muito tempo Tezza amargou a sensação de ser um “escritor sem obra”,

colecionando cartas de recusa das editoras, mas sem nunca abandonar o ofício. Foi o romance “Trapo”, lançado em 1988, que projetou o nome do autor nacionalmente.

Sonhos à margem

A história de Tezza começou na cidade de Lages (SC). Aos oito anos, após a morte do pai, o escritor se mudou para a capital paranaense acompanhado da mãe e dos três irmãos. “Minha mãe escolheu Curitiba, pois queria proporcionar estudo universitário aos filhos. Foi uma decisão acertada.” Não demorou muito e, para driblar a solidão curitibana e a vida de apartamento, surgiu o gosto definitivo pelos livros e bibliotecas. Entre as primeiras leituras estavam os versos de Castro Alves, Gonçalves Dias e Fagundes Varela, além da obra de Monteiro Lobato, Júlio Verne e Dostoievski. Por volta dos 13 anos, já convicto da vocação literária, arriscou os primeiros poemas e contos. Da poesia Tezza desistiu logo, “para a felicidade dos leitores”. Em “O Filho Eterno” é possível conhecer o que talvez tenha sido um de seus últimos poemas, escrito às vésperas do nascimento de Felipe, em 1980. Com o estilo direto e conciso que caracteriza a obra do romancista, diz na primeira estrofe: “Nada do que não foi poderia ter sido. Não há outro tempo sobre esse tempo”.

Em 1968 – no auge dos movimentos de contracultura – Tezza, então com 16 anos e cheio de sonhos, “todos à margem”, teve seu primeiro contato com o teatro, quando passou a integrar o Centro Capela de Artes Populares, com sede na histórica Antonina, litoral do Paraná. Misto de comunidade alternativa e grupo teatral, o Cecap era capitaneado pelo escritor e dramaturgo paranaense Wilson Rio Apa, autor de “A Revolução dos Homens”. Além de atuar, Tezza

RELAÇÃO DAS OBRAS DE FICÇÃO DE TEZZA:

- *O Filho Eterno*. Editora Record, 2007.
- *Trapo*. Editora Record, 2007.
- *O Fantasma da Infância*. Editora Record, 2007.
- *Aventuras Provisórias*. Editora Record, 2007.
- *O Fotógrafo*. Editora Rocco, 2004.
- *Breve Espaço entre Cor e Sombra*. Editora Rocco, 1998.
- *Uma Noite em Curitiba*. Editora Rocco, 1995.
- *Juliano Pavollini*. 3ª ed.: Editora Rocco, 2002.
- *A Suavidade do Vento*. Editora Rocco, 2003.
- *Ensaio da Paixão*. 2ª ed.: Rocco, 1999.
- *O Terrorista Lírico*. Curitiba: Criar Edições, 1981.
- *A Cidade Inventada*. Contos. Curitiba: Coeditora, 1980.
- *Gran Circo das Américas*. Romance. São Paulo: Brasiliense, 1979.



trabalhava como sonoplasta, iluminador ou contrarregra, conforme a necessidade do grupo. Também dirigiu uma peça escrita no início dos anos 1970, “Os Confinados”, apresentada no teatro Guairinha, em Curitiba. “Foi um período absolutamente marcante da minha vida.” Por influência de Apa, Tezza teve também o primeiro contato com as artes visuais. Chegou a fazer cópias de quadros de Matisse, Van Gogh e Modigliani, mas abandonou a atividade de pintor algum tempo depois.

Sonhando com as grandes viagens, aos 19 anos o escritor entrou para a Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante, no Rio de Janeiro. Queria ser piloto, mas não se enquadrou no regime militar e abandonou no segundo semestre. “Nunca embarquei num navio.” Logo depois, em 1975, Tezza foi a Portugal para estudar Letras. Como a universidade estava fechada por conta da Revolução dos Cravos, passou um ano e meio viajando como mochileiro pela Europa. Morou na Alemanha – onde trabalhou na lavanderia de um hospital – e conheceu Espanha, França, Inglaterra e Suíça. Foi nesta época que decidiu se tornar escritor e trabalhou em seu primeiro livro, “A Cidade Inventada”, uma coletânea de contos que sugere influências de Cortázar e Borges, lançada somente cinco anos depois.

De volta ao Brasil, Tezza – um eterno apaixonado por engenhocas em geral – decidiu fazer um curso de relojoaria

por correspondência. Na sequência, se mudou para Antonina e abriu uma relojoaria chamada “Cinco em Ponto”, em referência ao poema de García Lorca. “Era um sonho meio maluco, viver como um artesão, mas no qual eu acreditava.” A carreira de relojoeiro teve vida curta e logo o escritor, já casado com Beth, mudou-se para o Acre e entrou na faculdade, em 1977. No ano seguinte, voltou a Curitiba, onde concluiu o curso de Letras na UFPR em 1981. Além de Felipe, hoje com 28 anos, Tezza também é pai de Ana, que faz mestrado em Literatura Brasileira na UFSC, em Florianópolis. “Mas juro que não foi influência minha!”

Caminho das letras

Hipie por excelência e como que se recusando a fazer parte do “sistema”, Tezza só conseguiu um emprego com carteira assinada quando já tinha passado dos 30 anos. A carreira de professor universitário teve início em 1984, no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina. De mudança para Florianópolis, Tezza alugou uma casinha de madeira na Lagoa da Conceição. Foi ali que escreveu o romance “Aventuras Provisórias”, lançado em 1986 e vencedor do Prêmio Petróbras de Literatura. Dois anos depois, o escritor voltou definitivamente a Curitiba, dessa vez dando aulas na UFPR, onde leciona até hoje.

A agenda de professor nunca afastou Tezza da literatura. Com 12 romances no currículo, o autor ainda acumula participações em antologias e artigos acadêmicos. A rotina dos prêmios também não era novidade: em 1998 Tezza já havia conquistado o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional com “Breve Espaço entre Cor e Sombra”, eleito o melhor romance do ano. Em 2005, foi a vez do livro “O Fotógrafo” ser laureado como o melhor romance do ano pela Academia Brasileira de Letras. Se a vida acadêmica influenciou a literatura? “Provavelmente sim, mas mais pela oferta de temas. Há um bom número de professores nos meus livros.”

Seja por romantismo ou pragmatismo, por muito tempo Tezza manteve-se fiel aos manuscritos. Foi a partir de “O Filho Eterno” que o escritor se entregou de vez à tecnologia. “Não que eu não goste da tecnologia, mas reservava sempre a ficção para o papel manuscrito mesmo – talvez um resíduo da “vida natural” dos anos 1970.”

Embora seja um leitor ávido de ensaios, romances, jornais e revistas em geral, hoje em dia Tezza está cada vez mais seletivo. Ele passa longe, por exemplo, de temas como autoajuda e romances sobre templários. O mesmo critério rígido se aplica à televisão. “Há muito tempo não vejo mais TV comercial.” Apaixonado por cinema, prefere assistir a DVDs e só liga a TV para acompanhar o noticiário ou os jogos do Atlético Paranaense. ■



Trechos de “O Filho Eterno” Ed. Record, 2007. 223 p.

“– Acho que é hoje – ela disse. – Agora – completou, com a voz mais forte, tocando-lhe o braço, porque ele é um homem distraído. Sim, distraído, quem sabe? Alguém provisório, talvez; alguém que, aos 28 anos, ainda não começou a viver. A rigor, exceto por um leque de ansiedades felizes, ele não tem nada, e não é ainda exatamente nada. E essa magreza semovente de uma alegria agressiva, às vezes ofensiva, viu-se diante da mulher grávida quase como se só agora entendesse a extensão do fato: um filho.”

“Em um átimo de segundo, em meio à maior vertigem de sua existência, a rigor a única que ele não teve tempo (e durante a vida inteira não terá) de domesticar numa representação literária, apreendeu a intensidade da expressão ‘para sempre’ – a ideia de que algumas coisas são de fato irremediáveis, o sentimento absoluto, mas óbvio, de que o tempo não tem retorno, algo que ele sempre se recusava a aceitar. Tudo pode ser recomeçado, mas agora não: tudo pode ser refeito, mas isso não; tudo pode voltar ao nada e se refazer, mas agora tudo é de uma solidez granítica e intransponível: o último limite, o da inocência, estava ultrapassado; a infância teimosamente retardada terminava aqui, sentindo a falta de sangue na alma, recuando aos empurrões, sem mais ouvir aquela lengalenga imbecil dos médicos.”

“Ele recusava-se a ir adiante na linha do tempo; lutava por permanecer no segundo anterior à revelação, como um boi cabeceando no espaço estreito da fila do matadouro; recusava-se mesmo a olhar para a cama, onde todos se concentravam num silêncio bruto, o pasmo de uma

maldição inesperada. Isso é pior do que qualquer coisa, ele concluiu – nem a morte teria esse poder de me destruir. A morte são sete dias de luto, e a vida continua. Agora, não. Isso não terá fim. Recuou dois, três passos, até esbarrar no sofá vermelho e olhar para a janela, para o outro lado, para cima, negando-se, bovino, a ver e a ouvir.”

“Pai e mãe são tomados pelo silêncio. É preciso esperar para que a pedra pouse vagarosamente no fundo do lago, enterrando-se mais e mais na areia úmida, no limo e no limbo, é preciso sentir a consistência daquele peso irremovível para todo o sempre, preso na alma, antes de dizer alguma coisa. Monossílabos cabeceantes, teimosos – os olhos não se tocam.”

“Se eu escrever um livro sobre ele, ou para ele, o pai pensa, ele jamais conseguirá lê-lo.”

“Eu não posso ser destruído pela literatura; eu também não posso ser destruído pelo meu filho – eu tenho um limite: fazer, bem-feito, o que posso e sei fazer, na minha medida. Sem pensar, pega a criança no colo, que se larga saborosamente sobre o pai, abraçando-lhe o pescoço, e assim sobem as escadas até a porta de casa.”

“Durante todos esses anos sentiu o peso ridículo de ser escritor, alguém que publica livros aos quais não há resposta, livros que ninguém lê; e resistiu bravamente, e pelo menos nisso teve sucesso, ao consolo confortável, à coceira na língua, quase sempre calhorda, de despejar no mundo as culpas da própria escolha.”





“Escrever é um exercício medido de crueldade”

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à *Cartaz*, o escritor fala mais sobre sua obra, a repercussão de “O Filho Eterno” e o passado de “bicho grilo”. Além disso, indica suas preferências culturais e dá uma prévia dos planos para o futuro

Com “O Filho Eterno” você conquistou todos os principais prêmios de literatura em 2008. Esperava tanta repercussão?

Não, não esperava essa repercussão toda. Sabia que o livro teria algum impacto pelo tema e pelo fato de que meu último romance, “O Fotógrafo”, já havia ganhado alguns prêmios e sido bem recebido pela crítica. Assim, seria natural que “O Filho Eterno” recebesse alguma atenção. Mas a resposta de leitores e da crítica foi absolutamente sensacional e vem mudando de fato minha vida. Parece que há um ano e meio não faço outra coisa senão responder a entrevistas e viajar dando palestras. Estou cansado. Quero ver se mudo radicalmente de rotina no segundo semestre, ou não vou mais conseguir escrever.

Essa unanimidade lhe assustou em algum momento?

De fato, não. Os prêmios me abriram muitos caminhos. E é claro que toda a minha história anterior de escritor pesou nessa repercussão.

Como foi transformar em ficção um tema tão íntimo como a relação entre pai e filho?

Essa é uma longa história. Eu diria fundamentalmente o seguinte: consegui escrever o livro no momento em que me transformei em personagem. Com esse distanciamento, o romance foi em frente.

A crueldade é apontada por muitos críticos como um dos pontos altos de “O Filho Eterno”. Como foi assumir essa característica em um livro inspirado na vida real?

Costumo dizer que escrever é um exercício medido de crueldade. Um escritor não pode ter medo de seus temas e nem tratar seus personagens pisando em ovos. A literatura nos dá a rara chance de ir muito além do mundo das aparências.

Entre todos os seus livros, quais deram mais “trabalho” para escrever?

Para mim, escrever é sempre um trabalho duro. Não me lembro particularmente de nada especialmente diferente. “O Ensaio da Paixão” teve muitas versões, escrevi várias vezes. Foi uma escola de texto para mim. O mais demorado foi “O Filho Eterno”. Levei mais de 20 anos para começar a escrever, mas escrevi o romance em dois anos, que normalmente é o tempo que levo para terminar um livro.

Como é o seu processo de criação?

Tenho uma rotina. Gosto de escrever sistematicamente todos os dias, num horário certo – em geral, três a quatro horas. Hoje, prefiro escrever pela manhã, mas já houve época em que eu tinha horários diferentes. “Trapo”, por exemplo, foi quase todo escrito de madrugada. Mas faz um bom tempo que não tenho escrito nada de literatura.

Eventualmente você publica resenhas e textos críticos em veículos de comunicação como a revista *Veja* e o jornal *Folha de São Paulo*. Na sua opinião, a chamada “grande mídia” ainda tem espaço para a literatura?

O espaço da literatura é bem menor do que costumava ser nos anos 1950, mas acho que hoje está aumentando bastante. A literatura está ganhando uma relevância interessante, depois de uns 20

“Conseguí escrever o livro no momento em que me transformei em personagem”

anos de “ostracismo” na mídia. Há muitos concursos com repercussão nacional, e a internet acabou ajudando bastante o espaço literário.

Como funcionava a “sociedade alternativa” proposta pelo Wilson Rio Apa?

A comunidade rioapeana foi um acontecimento que não dá para resumir em poucas linhas. Tem de entender o espírito de 1968 e todo o imaginário contestador e alternativo que se vivia naquele tempo. É também preciso entender o Brasil entrando numa ditadura militar. Nosso guru Rio Apa tinha uma incrível capacidade de mobilização de atores e contestadores em geral. Durante um bom tempo, entre 1968 e 1974, ele sempre repartiu generosamente a própria casa para abrigar uma trupe. Durante um período havia uma outra casa alugada. Tudo girava em torno do teatro e de um ideário de vida, digamos assim. Para mim foi um período absolutamente marcante da vida.

Qual sua opinião sobre o teatro brasileiro hoje? Costuma ir ao teatro?

Depois dos anos 1970, praticamente abandonei o teatro. Acompanho mais pelos cadernos de cultura dos jornais do que ao vivo. Simplesmente não tenho mais tempo. O teatro para mim era um acontecimento existencial, não algo a que a gente “assiste”. Literariamente, gosto muito de teatro de texto, que influenciou bastante minha literatura. Li muito o teatro americano, por exemplo. Mas perdi o fio da meada, por assim dizer.

Pensa em escrever textos específicos para teatro?

“Um escritor não pode ter medo de seus temas. A literatura nos dá a rara chance de ir muito além do mundo das aparências”

Não mais. Hoje minha cabeça só funciona literariamente.

Você tem planos (ou desejo) de escrever para televisão ou cinema?

Não tenho nem o mais remoto desejo de entrar nessas áreas como escritor ou roteirista. Se alguém quiser adaptar alguma coisa minha, ótimo. Mas vou ficar a uma distância segura.

E que tal criar um blog para publicar seus textos?

Definitivamente não. Gosto muito da internet, sou viciado em computador, mas a ideia de todo dia escrever um texto para postar num blog está além da minha capacidade de trabalho. Pelo menos nesse momento da minha vida, em que sequer consigo escrever literatura, um blog seria um desastre completo.

Sobre suas preferências musicais: que tipo de música lhe inspira?

Não sou exatamente um ser musical. Naquele tempo (na década de 1970, quando integrava o Cecap), é claro, ouvia e curtia muito rock. Depois a literatura foi me afastando da música – não consigo ler e escrever ouvindo música, o que limita drasticamente o tempo de curtidão musical. Hoje gosto um pouco de tudo, mas mais como pano de fundo, para conversar e beber cerveja.

A começar pelo título, o livro “Breve Espaço entre Cor e Sombra” sugere diversas ligações com as artes plásticas. Qual sua relação com as artes visuais?

Sempre gostei muito de pintura. Na juventude, cheguei a fazer cópias de qua-

dros. Aqui mesmo em casa tenho ainda um Matisse, um Van Gogh e um Modigliani que eu mesmo pintei. É mais barato! Mas nunca tive ambições de pintar por conta própria. A literatura já é suficiente para me assombrar.

Você desistiu mesmo de escrever poesia?

Não escrevo mais poesia desde 1980. Encerrei a minha curta carreira de poeta, para a felicidade dos leitores. Mas se algum personagem meu for poeta, sou capaz de escrever um poema “dele”, não meu.

Na década de 1970, você passou “um ano perambulando pela Europa”. Viajar é um hábito frequente? Quais viagens marcaram a sua vida?

Nos anos 1970, passei 14 meses na

Europa – conheci Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Suíça e Alemanha. Era um olhar de mochileiro, não de turista. Depois, já em condições melhores, voltei várias vezes à Europa. Passei um mês maravilhoso na Itália. Estive na Polônia e na Rússia, em Moscou e São Petersburgo. Fui várias vezes à Inglaterra e passei dois meses nos Estados Unidos, onde escrevi “Uma Noite em Curitiba”. Sempre gostei de viajar. Gostaria de fazer um bom passeio pela Europa. Devo ir em breve a Portugal, para uma feira de livros, e em fevereiro de 2010 vou à Austrália, que está lançando meu romance. Vou participar do Festival Literário de Adelaide.

Você morou em Florianópolis nos anos 1980. De que forma essa experiência refletiu na sua obra?

Morei dois anos em Florianópolis, e frequentei mais dois anos como mestrando. Foi um período muito bom da minha vida, de formação. A Ilha entrou em vários livros meus. Escrevi “Aventuras Provisórias” [NR: “Aventuras Provisórias” é o livro que foi proibido no início de 2009 pela Secretaria de Educação de Santa Catarina, sob a alegação de que a obra contém linguagem chula e trechos pornográficos, e por isso não poderia ser distribuída aos alunos de ensino médio] na casinha de madeira que aluguei na Lagoa da Conceição, durante os três meses daquela greve interminável de 1986. Eu estava recém-contratado como professor da UFSC, e uma semana depois estourou a greve. Aproveitei para escrever um romance. A Ilha aparece também, metaforicamente, em “Ensaio da Paixão”.

É um espaço importante do romance “O Fantasma da Infância”.

De modo geral, como você avalia o mercado editorial brasileiro?

Melhorou muito dos anos 1980 para cá. Hoje temos um mercado surpreendentemente forte. E, por incrível que pareça, nunca se publicou tanta literatura como agora.

Você costuma acompanhar a produção literária contemporânea? Algum autor que lhe chame a atenção?

Há um grande número de novos autores aparecendo – mas ando simplesmente sem condições de acompanhar nada.

Como é a rotina de professor universitário?

“Não escrevo mais poesia desde 1980. Encerrei a minha curta carreira de poeta, para a felicidade dos leitores”

Dou aula de Língua Portuguesa nos cursos de Letras e de Comunicação Social. Gosto de dar aulas. Mas ando cansado. Minha ideia é parar em breve e viver do que escrevo. Com a repercussão do meu livro e as traduções no exterior, talvez seja possível. Estou tentando me organizar para isso, uma vez que ainda não tenho tempo de me aposentar. Comecei a trabalhar com carteira assinada muito tarde.

Como vocês dividem a mesma “arena” – ou seja, a cidade de Curitiba, muito presente em sua obra – e qual sua relação com os escritores curitibanos Dalton Trevisan e Paulo Leminski?

Dalton Trevisan é um prosador marcante na literatura brasileira. Foi uma referência para mim. De certa forma, todo escritor brasileiro deve pelo menos uma elipse ao Dalton – a literatura dele é muito forte e original. Já o Leminski conheci mais ligeiramente. Foi um autor importante para a poesia brasileira dos anos 1970.

Em “O Filho Eterno”, o protagonista é um escritor que vive em crise existencial por conta de uma frustração literária. Você já pensou em desistir da literatura?

Se pensei, não me lembro mais.

O que você pode nos adiantar sobre seu próximo livro?

É uma história de amor. O título é sempre a última coisa que me ocorre. Vou tentar terminar este ano, porque o livro já está se arrastando há um bom tempo. Mas preciso de um pouco de paz. ■